

DANIEL 13: O LIVRO DE DANIEL COMO CHAVE HERMENÊUTICA PARA A INTERPRETAÇÃO DE APOCALIPSE 1

Flávio da Silva de Souza¹

RESUMO

Êxodo 34.6-7 traz uma manifestação de quem Deus é, e, por isso, a *imago Dei* no ser humano deve incluir essas características (apesar do pecado). E uma evidência disso é que essas características são encontradas nas listas de virtudes do cristão regenerado no Novo Testamento. Salta à vista que as qualidades e atitudes encontradas em Êxodo 34.6-7 são de cunho moral e têm aplicação na relação entre pessoas. Portanto, esta pesquisa propõe uma interpretação *moral e interpessoal* da *imago Dei*.

Palavras-chave: Bíblia. Imago Dei. Teologia.

¹ Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), docente na Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) e Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT). E-mail: flavio.souza@adventista.edu.br.

INTRODUÇÃO

O livro do Apocalipse é um livro rico em referências ao Antigo Testamento, isto tem sido observado por muitos estudiosos. White (2010, p. 585) afirma que no Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem. Stefanovic (2013, p. 19-20, 62), por sua vez, vê uma forte ligação entre o Apocalipse e o Antigo Testamento. Ele observa que o esse livro usa a linguagem do passado, especialmente da criação, do dilúvio, do êxodo, do pacto de Deus com o rei Davi e do exílio da Babilônia. Paulien (2004, p. 155) também entende que a linguagem do Apocalipse tem sua origem no Antigo Testamento.

Segundo Paulien (2004, p. 77), o Apocalipse faz alusão ao Antigo Testamento não com citações diretas, “mas com uma palavra aqui, uma frase ali, ou um conceito em outro lugar”. Para ele, por exemplo, a visão de Ap. 1:12-16 baseia-se em uma variedade de textos do Antigo Testamento. O candelabro de ouro lembra o candelabro do santuário do Antigo Testamento (Ex. 25:31-40) e o da visão de Zacarias (4:2, 10). As vestes de Jesus rememoram as vestes do Sumo Sacerdote (Ex 28:4, 31). Assim como a voz como de muitas águas recorda o aparecimento do Deus Todo Poderoso no livro de Ezequiel (Ez 1:24; 43:2). A espada de dois gumes vindo da boca de Jesus é uma reminiscência dos julgamentos de Javé através de Seu servo messiânico em Isaías (Is 11:4; 49:2). Paulien (2004, p. 86) também observa que a linguagem de Apocalipse 12:13-16 relaciona-se com a de Daniel 7, o Êxodo do Egito e a tentação e queda no jardim do Éden.

Maxwell comenta que “dos 404 versos do Apocalipse, 278 tem material do Antigo Testamento” e que “os elos entre o Apocalipse e o Antigo Testamento são muito importantes para a compreensão de sua mensagem” (2002, p. 71). Doukhan (2002, p. 10-11) vai mais além, e afirma que o Apocalipse é mais hebreu que qualquer livro do Novo Testamento. Pois, segundo ele, contém mais de duas mil alusões as escrituras hebreias, incluindo quatrocentas referências explícitas e noventa citações literais do Pentateuco e dos profetas. Além disso, o texto é mais fiel ao hebraico que a Septuaginta. Ele sugere que para entender o Apocalipse precisamos lê-lo à luz das escrituras hebraicas.

Lehmann (p. 139, 140) também nota a ligação do livro do Apocalipse com o Antigo Testamento, ele ainda observa que mais da metade das referências ao Antigo Testamento são retiradas dos Salmos e das profecias de Isaías, Ezequiel e Daniel. Contudo, entre estes quatro livros há um que segundo Lehmann se destaca, o livro de Daniel. Pois, se levarmos em consideração o tamanho de cada um destes livros, esse é, de longe, o mais utilizado.

APOCALIPSE E O LIVRO DE DANIEL

Para Paulien (2004, p. 78), o livro de Daniel tem um papel importante no livro do Apocalipse, pois o que liga todas as alusões do Antigo Testamento no Apocalipse é a abrangente utilização de dois personagens, o Filho do Homem (Dn 7:13) e o Misterioso visitante de Daniel 10:5-6. Esta ligação de Daniel com o livro do Apocalipse é percebida também por Johnsson (2011, p. 871) que os classifica como livros gêmeos. Doukhan (2002, p. 12) comenta que o livro do Apocalipse alude mais ao livro de Daniel que a qualquer outra porção das escrituras hebreias.

White (2010, p. 585) afirma que o livro do Apocalipse é “o complemento do livro de Daniel. Um é profecia; o outro revelação.” Pois, “as coisas reveladas a Daniel foram mais tarde completadas pela revelação feita a João na ilha de Patmos” (1993, p. 114). E, além disso, “o livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra”. Por isso, White apela: “lede Apocalipse em conexão com Daniel” (1993, p. 115). “Estudai o Apocalipse em ligação com Daniel; pois a história se repetirá” (1993, p. 116).

Paralelos entre Daniel e Apocalipse

Muitos são os paralelos entre Daniel e Apocalipse. Há paralelos entre seus autores, as épocas de composição dos livros, temas, profecias, expressões e palavras utilizadas. Estes já foram notados por estudiosos destes livros.

Começemos por seus autores. O paralelo nas histórias deles é bem significativo. Daniel chega à Babilônia com a idade bem próxima a de João quando começou a seguir a Cristo. Na última visão, Daniel tinha a idade aproximada com a de João ao receber a visão do Apocalipse (MAXWELL, 2002, p. 54). Daniel é mui amado (Dn 9:23; 10:11 e 19) enquanto João é o discípulo amado (Jo 19:26). Ambos foram sentenciados a morte por decretos reais, mas não sofreram nada. Daniel na cova dos leões (Dn 6) e João no caldeirão de óleo fervente (WHITE, 2010, p. 569-570).

Há também um paralelo em relação à época em que foram escritos Daniel e Apocalipse. Ambos foram registrados num momento de opressão do povo de Deus. No período de Daniel o povo estava sofrendo em Babilônia, enquanto o momento em que foi escrito o Apocalipse era de perseguição por se recusarem a adorar o imperador. E não se pode esquecer que os autores de ambos os livros estavam exilados quando estes foram escritos. Daniel em Babilônia e João em Patmos.

Doukhan (2002, p. 12) observa que “ambos os livros têm uma fraseologia similar, as mesmas visões, os mesmos temas, as mesmas repercussões éticas e a mesma perspectiva profética”. Paralelos entre Daniel e Apocalipse podem ser vistos nas profecias dos mesmos. Muitos autores encontram paralelos entre Daniel 3 e Apocalipse

13 na questão da punição e perseguição por causa da adoração (DOUKHAN, 2002, p. 117; STEFANOVIC, 2013, p. 429, 437; MAXWELL, 2002, p. 359), também entre os 1260 dias (Ap. 11:3; 12:6), os 42 meses (Ap 11:2; 13:15), um tempo, tempos e metade de um tempo e um tempo, dois tempos e metade de um tempo (Dn 7:25 e 12:7) (DOUKHAN, 2002, p. 115; STEFANOVIC, 2013, p. 413; MAXWELL, 2002, p. 334; PAULIEN, 2004, p. 80). Da mesma forma, entre os animais de Daniel 7 e a besta de Apocalipse 13 (DOUKHAN, 2002, p. 114; STEFANOVIC, 2013, p. 408, 411; MAXWELL, 2002, p. 333). O paralelo entre a ação do chifre pequeno (Dn 7:21, 22, 25) e a ação da besta que emerge do mar (Ap. 13:1-10) (LEHMANN, 1992, p.141; MAXWELL, 2002, p. 335).

Paulien (2004, p. 80) observa que Apocalipse 12, assim como Apocalipse 13, baseia-se no livro Daniel, pois, o dragão de Apocalipse 12:3-4 tem uma série de características dos animais de Daniel 7 e do chifre pequeno (Dn 7:7, 24; 8:10). A guerra no céu dos versos 7-9 faz várias alusões a Daniel (Dn 2:35; 10:13, 20-21; 12:1). Doukhan vê um paralelo entre a profecia de Apocalipse 11 e Daniel 11 no que diz respeito à revolução francesa (2002, p. 89).

Além das profecias, há paralelos na linguagem. Para Doukhan (2002, p. 87), as imagens de ouro, prata, bronze, pedra e madeira (Ap 9:20) sugerem a idolatria de Babilônia, como descreve o profeta Daniel na véspera da destruição do império (Dn 5:23). Lehmann (1992, p. 139, 140) também vê um paralelo nas expressões de Daniel “o que há de ser futuramente” (Dn 2:45) e de João “as coisas que em breve devem acontecer” (Ap. 1:1; 22:6). Ademais, Lehmann (1992, p. 141) evidencia como Daniel é citado no Apocalipse, para isto ele utiliza Daniel 7, que é o capítulo mais citado de Daniel no Apocalipse².

Segundo Siqueira, “o livro do Apocalipse desempenha um papel de suma importância” (2004, p. 98), pois, foi escrito “no final do primeiro século, um bom tempo depois da realização dos principais eventos escatológicos referentes à vinda do Messias” previstos em Daniel. As revelações de Deus dadas a João, além de animar os cristãos daquele período “que estavam experimentando a terrível realidade do longo tempo de angústia que seguiria a vinda do Messias”, tinham como objetivo “responder à inquietante pergunta: E agora, como e quando Deus cumprirá Suas promessas que ainda estão por se realizar?” (2004, p. 98).

O livro de Daniel também tinha esta finalidade mais de 600 anos antes do Apocalipse (SIQUEIRA, 2004, p. 90). Portanto, pode-se observar que o Apocalipse é uma complementação e um desdobramento das profecias de Daniel. “O livro do Apocalipse lança luz e entendimento sobre as profecias do Antigo Testamento, especialmente as de Daniel” (SIQUEIRA, 2004, p. 90). A proximidade entre os dois livros é muito significativa. “Os símbolos e períodos de tempo das duas grandes profecias

² Dn7:3 cf Ap 11:7; Dn 7:4-6 cf Ap 13:2; Dn 7:7cf Ap 12:3; Dn 7:9 cf Ap 1:14; Dn 7:10 cf Ap 20:12; Dn 7:10 cf Ap 5:11; Dn 7:13 cf Ap 1:7; Dn 7:13 cf Ap 1:13; Dn 7:18 cf Ap 22:5; Dn 7:20 cf Ap 13:5; Dn 7:21 cf Ap 13:7; Dn 7:25 cf Ap 12:14.

apocalípticas, Daniel e Apocalipse, estão indissolúvelmente unidos” (NICHOL, 2014, p. 87). Podemos dizer que a finalidade do livro do Apocalipse é ser uma “continuação, uma ampliação e um esclarecimento” do livro de Daniel.

APOCALIPSE 1 E O LIVRO DE DANIEL

Apesar de muitos estudos a respeito dos paralelos entre Daniel e Apocalipse, como foi visto até aqui, parece que pouca atenção tem sido dada aos paralelos entre o livro de Daniel e o Apocalipse 1. Embora não tenha nenhuma profecia como as de Apocalipse 12, 13, 14, 17, não podemos esquecer a importância deste capítulo como uma introdução ao livro do Apocalipse.

Alguns paralelos têm sido encontrados por alguns autores. Stefanovic vê um eco de Daniel 2:28 em “as coisas que em breve devem ocorrer” de Ap. 1:1 (STEFANOVIC, 2013, p. 56, 59). Para ele o tema de Daniel 7 está presente em Ap. 1:7 (STEFANOVIC, 2013, p. 73). O “eu, João” de Ap. 1:9 teria um paralelo com o “eu, Daniel” de Dn 8:15. 27, 9:2, 10:2, 7. Também há um paralelo entre a visão de Daniel 10 com Apocalipse 1:12-20 (STEFANOVIC, 2013, p. 98). Por fim, as estrelas de Ap. 1:20 teriam seu paralelo com Dn 12:3 (STEFANOVIC, 2013, p. 103)

Ademais, Lehmann (1992, p. 141) vê paralelos entre Ap 1:7 e Dn 7:13, pois nos dois Jesus vem com as nuvens. Ele destaca também a relação entre Ap 1:13 e Dn 7:13, pelo uso da expressão “Filho do Homem”. Outrossim, Bullinger (1984, p. 23) ressalta em Ap 1:18 uma referência a Dn 4:34 e 12:7.

Doukhan vê já na primeira palavra “revelação” uma ligação com o “segredo de Daniel” e observa que o Apocalipse começa com uma bem-aventurança, eco da bem-aventurança do livro de Daniel, e a expressão “eu, João” fazendo eco a “eu, Daniel” (2002, p. 11, 12). Nota também a ligação entre Ap 1:7 e Dn 7:13 (DOUKHAN, 2002, p. 19). Paulien afirma que praticamente todos os detalhes da descrição em Ap. 1:12-16 são encontrados em Dn 10 (2004, p. 78).

Contudo, apesar destes paralelos serem notados, parece que a ainda não foi dada a devida importância a Apocalipse 1. Notamos que normalmente as seções que trabalham este capítulo nos comentários são curtas em relação aos demais capítulos. Observa-se que este capítulo como introdução ao livro de Apocalipse traz informações preciosas ao leitor. Portanto, gostaríamos de além de enumerar os paralelos entre Apocalipse 1 e Daniel, entender como estes paralelos são utilizados ali por João, dito de outro modo, quais são os possíveis motivos pelos quais João os utiliza e como os utiliza. Porque como diz Lehmann (1992, p. 140) “o uso do vocabulário de Daniel não é feito por acaso”.

Porém, antes de avançarmos é importante saber como João utiliza o primeiro capítulo de seu evangelho. Segundo Carson, “o prólogo é o vestibulo para o restante do quarto evangelho, simultaneamente atraindo o leitor e introduzindo os temas principais”

(2007, p. 111). Para ele, o tema do evangelho de João está no prólogo e “o restante do livro não é nada mais que uma ampliação desse tema (2007, p. 111). É possível que João ao escrever o Apocalipse tenha usado o mesmo método, ou seja, de colocar no prólogo as informações necessárias para se entender o livro. Por sua vez, Doukhan (2002, p. 9) entende que os três primeiros versos do Apocalipse indicam a natureza do livro.

Outro detalhe que precisa ser levado em conta é a questão da interpretação literária do texto bíblico. Segundo Waltke (2010, p. 33), o trabalho de interpretação de um texto deve ter o cuidado de observar os diferentes níveis de significação. É possível definir doze níveis no texto bíblico, movendo-se do menor para o maior: livro, seções, atos ou fases, cenas ou episódios, partes cênicas ou acidentes, estruturas, sentenças, cláusulas, frases, palavras, sílabas e sons.

A arte literária desempenha um papel crucial na narrativa bíblica (ALTER, 2010, p. 17), quanto mais atentamente é analisada esta narrativa, mais se reconhece a complexidade e a sutileza com que é formalmente organizada. Ela está além das leis sugeridas pelos estudiosos modernos que equivocadamente declaram que a narrativa “primitiva” não poderia ser tão complexa (ALTER, 2010, p. 36-37). Por exemplo, o uso da repetição de palavras ou frases breves tem uma significação temática diferente do que é comum em outras tradições narrativas. Assim como o uso da palavra-chave ajuda a desenvolver os significados morais, históricos, psicológicos ou teológicos da história (ALTER, 2010, p. 215-217).

A leitura de qualquer texto nos obriga a realizar todos os tipos de ligações, grandes e pequenas, e fazer discriminações constantes entre as palavras, declarações, ações, personagens, relações e situações relacionadas. Estas conexões dependem de um conjunto de procedimentos narrativos, que os leitores de hoje precisam aprender (ALTER, 2010, p. 225-226).

O livro de Daniel foi escrito num estilo de repetição e ampliação, ou seja, cada profecia repete e amplia a anterior. Isto pode ser visto claramente na sequência do livro. Entendendo que Apocalipse é a continuação de Daniel, ele vai seguir o mesmo estilo de repetição ampliação. Entretanto, há um intervalo de mais de 600 anos entre um e outro e naturalmente, os escritores são pessoas diferentes.

Por isso, há a necessidade de preparar o leitor do livro do Apocalipse para que este faça a relação entre o livro do Apocalipse e o livro de Daniel. Para tanto, João utilizará o primeiro capítulo do livro de Apocalipse para repetir os temas e as palavras-chave do livro de Daniel, quase que como um resumo do livro de Daniel, para que os destinatários ao ler o primeiro capítulo de Apocalipse, já façam uma associação automática com o livro de Daniel e compreendam a necessidade de estudar os dois livros juntos.

Apocalipse 1:1-3

Começamos então pelo verso 1. João inicia o Apocalipse com a palavra *avpoka,luyij* “revelação”. Há pelo menos dois possíveis motivos para João iniciar o Apocalipse com esta palavra: o primeiro é apontar para seu propósito e o segundo para sua origem. O propósito do livro é revelar o “segredo de Daniel” (DOUKHAN, 2002, p. 11).

O livro de Daniel era um livro que estava sendo estudado com muito interesse no primeiro século da era cristã. Era um dos mais populares de Qumran. “A presença de pelo menos oito cópias do livro de Daniel (preservados somente em formas de fragmentos) entre os rolos do Mar Morto sugere que ele era um dos livros mais populares do Qumran” (HASEL, 2009, p. 101). Estes rolos são datados do segundo século até o período do Novo Testamento (HASEL, 2009, p. 103), ou seja, além de estudado era também copiado neste período.

O contexto do Novo Testamento também apoia a ideia de que o livro de Daniel era muito estudado no primeiro século da era cristã. Jesus utiliza Daniel 2 de maneira significativa em seus ensinamentos.³ Assim como Daniel 7, 9 e 12 tinham a atenção de Jesus e dos apóstolos.⁴ Por exemplo, Mateus 24 parece ser um estudo dos capítulos 7 e 9 de Daniel feito por Jesus. Expressões como Filho do Homem (Mt 24:27, 30 [2x], 37,39, 44 cf. Dn 7:13) e vindo com as nuvens do céu (Mt 24:30 cf. Dn 7:13) além de uma citação de Daniel inclusive com a fonte (Mt 24:15 cf. Dn 9:27) reforçam esta compreensão.

Lehmann (p. 138, 139) também nota que as expressões de Paulo “esperança de Israel” (At 28:20) e “Cristo Jesus, nossa esperança” (1Tm 1:1), bem como a expectativa do povo para saber se João Batista era o Messias apontam para um momento em que havia uma grande expectativa pela chegada do Messias, talvez pelo estudo da profecia das setenta semanas de Daniel 9.⁵

Outra indicação de que o livro de Daniel era muito apreciado no início da era cristã é o surgimento de vários livros “apocalípticos”⁶ entre o segundo século antes de Cristo e

³ Bennett (2009, p. 293) crê que Jesus utilizou o tema de Daniel 2:34, 35, 44, 45, “a pedra que fere a estátua com força esmagadora” e o “incorporou à metáfora da pedra angular em Lc 20:17-18. Lehmann (1992, p. 133, 134) igualmente defende que Jesus utilizou Daniel 2 em Lucas 20:18 e acrescenta que Jesus também fez alusão a Daniel 2 em Mateus 21:44.

⁴ Lehmann (1992, p. 136-137) observa que além de Daniel 2, o Novo Testamento dá muita atenção a Daniel 7. Marcos 13:26; 14:62, Atos 1:11 e 1 Tessalonicenses 4:17 são claras as alusões a Daniel 7. Ele ainda assevera que é possível que quando Paulo afirma que os santos julgarão o mundo (1Co 6:2) esteja baseando-se em Daniel 7:22. Vê também relações entre Mateus 25:46 e Daniel 12:2 assim como entre Mateus 13:43 e Daniel 12:3.

⁵ Jesus parece se basear nesta profecia ao falar do cumprimento do tempo (Mc 1:15 cf. Dn 9:25-26) e do não cumprimento do tempo (Jo 7:6, 8), assim como João (Jo 2:4 e 7:30). No momento de se cumprir a profecia de Daniel 9, Jesus afirma então que era chegada a hora dele (Jo 17:1). Ao Jesus firmar a aliança através de seu sangue, Ele está citando e cumprindo Daniel 9 (Mt 26:28 cf. Dn 9:27). Paulo também estaria se referindo a Daniel 9, quando fala da “plenitude dos tempos” (Gl 4:4) Lehmann (p. 138, 139).

⁶ Pois, como sabemos este “gênero” literário se inspira em Daniel. Apesar de muitos eruditos acharem que tanto Daniel como Apocalipse devem ser analisados a partir deste *corpus* de obras (JOHNSON, 2011, p. 872). Nós adventistas acreditamos que o apocalíptico inspirado da Bíblia é substancialmente diferente destes (PAULIEN, 2001, p. 49).

o início da era cristã como: Enoque 1-36, 37-71, 72-82, 83-90, 91-108 (164 a. C.), o Livro dos jubileus (150 a. C.), Oráculos Sibilinos (150 a.C.), O testemunho dos doze patriarcas (II a. C.), Salmos de Salomão (48 a. C.), A assunção de Moisés (6-30 d. C.), o Martírio de Isaías (I d. C.), A vida de Adão e Eva (um pouco antes de 70 d. C.), Apocalipse de Abraão (70-100 d.C.), o Testamento de Abraão (I a. C.), II Enoque (I a. C.), Oráculos sibilinos IV (ca. 80 d. C.), IV Esdras (ca. 90 d. C.), II Baruque ou O apocalipse de Baruque (depois de 90 d. C.)⁷ (DI LELLA, 1978, p. 62). Segundo Stefanovic (2013, p. 21), I Enoque, II Enoque, IV Esdras e II Baruque eram muito populares e eram lidos no I d.C.

Portanto, havia naquele momento uma busca pela compreensão do livro de Daniel. As “literaturas apocalípticas” não conseguiam explicar o livro de Daniel, as que mais se aproximavam usavam apenas elementos de Daniel sem explicá-los como filho do Homem e tempo do fim⁸. O Novo Testamento explicava o apenas. Mas, agora finalmente, viria a revelação para o povo de Deus. João ao usar a palavra *avpoka,luyij* está afirmando que o que vem a seguir é a revelação que o povo de Deus tanto desejava. Mas, como foi dito, este é apenas o primeiro motivo. O segundo motivo para o uso *avpoka,luyij* seria para apresentar a origem do livro do Apocalipse.

João começa o livro defendendo que a origem do Apocalipse é a mesma do livro de Daniel. Daniel, por sua vez, inicia a parte profética de seu livro, o capítulo 2, apresentando a origem do mesmo através do uso de uma palavra-chave, o verbo *hlg* “revelar”.⁹ “Embora não seja um termo técnico indicativo da revelação divina *hlg* tem frequentemente este sentido” (HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 264, 265). Na tradução de Daniel por Teodósio, o termo é traduzido “por *avpokalu,ptw*, ao passo que a LXX emprega *avnakalu,ptw, evkfai,nw* e *dhlo,w* (Dn 2:27-30 e 47)”¹⁰ (COENEN; BROWN, 2000, p. 2115).

Esta revelação em Daniel é dada por Deus (Dn 2:28). Assim, ao João afirmar que a revelação que ele recebeu foi dada por Deus (Ap. 1:1), demonstra que o Apocalipse tem a mesma origem de Daniel. Além de uma aproximação há aqui um distanciamento de algumas das obras apocalípticas judaicas como o Apocalipse de Abraão que tem como introdução “Livro das revelações de Abraão” (1:1). Diferentemente destas obras, a origem da revelação é creditada a Deus e não ao “profeta”.

Na sequência do mesmo verso, João vai continuar a mostrar que a origem das visões do Apocalipse é a mesma de Daniel através dos transmissores celestiais da

⁷ Ainda se pode falar dos livros de Qumran que tinham em maior ou menor grau uma estreita relação com os livros apocalípticos citados acima. Só como exemplo: O livro dos mistérios, Uma descrição da Nova Jerusalém, Uma liturgia angélica, A oração de Nabonido e um pseudo Apocalipse de Daniel, A guerra entre os filhos da Luz e os filhos das trevas, Uma midrash nos últimos dias. (DI LELLA, 1978, p. 63) Pelos títulos pode-se ver inclusive uma “inspiração” em Daniel.

⁸ No decorrer do artigo apresentarei mais detalhes a este respeito.

⁹ Este verbo aparece cinco vezes em Daniel 2 (19, 22, 28, 29, 30).

¹⁰ É claro que a tradução de um mesmo termo feita pela LXX por três termos diferentes esconde o recurso literário utilizado por Daniel, a saber, a palavra-chave. Teodósio parece ser mais coerente ao traduzir por apenas um termo e pelo termo *avpokalu,ptw*.

revelação: Jesus, Deus e seu anjo. Jesus em Daniel é o Filho do homem (Dn 7:13), o Ungido (Dn 9:25 e 26) e Miguel (Dn 10:13, 21 e 12:1). Deus é o Revelador (Dn 2:28). O último dos três transmissores celestiais não tem nome no Apocalipse, mas o título, tou/ avgge,lou, “seu anjo”, nos dá uma indicação de que não é apenas a;ggeloy um “anjo” (Ap 19:17; 20:1), mas um específico. Curiosamente, em Daniel 6:22, Deus também envia “seu anjo”. Maxwell (2002, p. 70) observa que “indubitavelmente, o anjo era Gabriel”. White (2010, p. 99) afirma que “de Gabriel, diz o Salvador em Apocalipse: ‘Pelo Seu anjo as enviou, e as notificou a João Seu servo.’ Apoc. 1:1.” Portanto, este anjo é Gabriel¹¹ que aparece no livro de Daniel revelando o significado da visão (Dn 8:16 e 9:21). Ele aparece no Novo Testamento também em Lucas 1:19 e 26 quando anuncia o nascimento de Jesus. Apontando para o cumprimento das setenta semanas de Daniel, agora no Apocalipse, a presença de Gabriel indica o cumprimento do restante das profecias de Daniel.

O quarto personagem que aparece no primeiro verso é o próprio João. Em Ap. 1:2 ele confirma que João, de fato, é o autor o]j evmartu,rhsen “o qual testemunhou” e ei=den “viu”. Aqui o apóstolo parece querer mostrar uma das diferenças do Apocalipse para a apocalíptica judaica não canônica, que era essencialmente pseudepígrafa. Ele está afirmando que o escritor do Apocalipse não é alguém já havia morrido há séculos como Enoque, Abraão, Adão, Elias ou Moisés. Como o Apocalipse era uma revelação de Deus, não precisava ser legitimada por alguma figura do passado como a apocalíptica pseudepígrafa.

Depois de mostrar que a origem do Apocalipse é a mesma de Daniel e diferente da apocalíptica judaica não canônica, João usa duas expressões em paralelo com expressões de Daniel. A expressão “as coisas que em breve devem ocorrer” de Ap. 1:1 é um paralelo de “o que há de ser nos últimos dias” de Dn 2:28. E a expressão “o tempo está próximo” de Ap. 1:3 está em paralelo com “dias muito distantes” de Dn 8:26 e 10:14. Estas sentenças são semelhantes, mas não iguais. O que parece é que ao João utilizar estas expressões, procura demonstrar que o “relógio andou”. Seria uma forma de informar ao leitor que apesar de o livro do Apocalipse ser de mesma origem e estilo de Daniel, não é uma cópia, nem parte do mesmo de tempo de Daniel.¹²

Ainda em Ap. 1:3, João vai fazer mais um paralelo a Daniel. Agora, o paralelo é com uma bem-aventurança. “Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas”. Há um paralelo evidente com Daniel 12:12 “bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco

¹¹ A importância de Gabriel para a apocalíptica pode ser vista na frequência que ele aparece na literatura apocalíptica judaica (I Enoque 9:1; 10:5, 6; 20:7; 45:1-4; II Enoque 21:4; 24:1; I Livro de Adão e Eva 30:1-3; 31:5; Apocalipse de Moisés 1:40 e Apocalipse de Elias 39:2).

¹² Aqui ele também vai diferir da apocalíptica judaica não canônica. Pois esta como não era de origem divina e buscava apenas imitar ao livro de Daniel, não percebe o avanço do tempo. Nela expressões como “tempo do fim ou fim dos tempos” (II Enoque 33:11; Apocalipse de Baruque 10) e “últimos dias ou últimos tempos” (Apocalipse de Baruque 126, 133; Apocalipse de Moisés 1:13) é comum, enquanto não há uma ideia de o tempo estar próximo.

dias”. João está começando de onde Daniel parou, dando ao leitor uma ideia de continuidade.

Apesar da profecia de 1335 dias não equivaler a tudo o que está no livro do Apocalipse, a ideia é a mesma: a felicidade está no fato de confiar na palavra profética. Neste epílogo (1-3), como já foi visto, há uma diferença em relação aos textos de Daniel que preparará o leitor para o próximo bloco, ela encontra-se na questão do tempo histórico do autor em relação ao tempo do cumprimento da profecia. Na comparação das duas bem-aventuranças, podemos ver isto. Em Dn 12:12-13 há expressões como: “espera e chega” “até o fim”, “fim dos dias”, já em Apocalipse 1:3 diz: “o tempo está próximo”.

Apocalipse 1:4-8

A próxima seção vai de Ap. 1:4-8. Ela começa e termina com uma referência a Deus, o Pai, como “Aquele que é, que era e que há de vir”. Esta referência apresenta Deus como Alguém que atua no passado, no presente e no futuro. Em outras palavras, Deus age na história. Sendo assim, João está dizendo que as profecias do livro Apocalipse bem como as de Daniel devem ser estudadas a partir de uma perspectiva histórica.

Na primeira parte de Ap. 1:5, João vai apresentar Jesus através de três títulos. O primeiro é a Fiel Testemunha, o segundo é o Primogênito dos Mortos e o terceiro é Soberano dos reis da Terra. No livro de Daniel também há três retratos de Jesus. No capítulo 9, o Messias é apresentado como aquele que seria “cortado” (v. 26). Segundo Shea (2007, p. 152), “o que está no centro da profecia de Daniel 9 é o retrato de Jesus como sacrifício”. Já em Daniel 8, o retrato “é o de Cristo como sacerdote” (SHEA, 2007, p. 154). Em Daniel 7, o retrato é de “Jesus como rei” (SHEA, 2007, p. 155). A ordem é inversa aos acontecimentos dos fatos, porque segundo Shea (2007, p. 155-156) o pensamento semítico parte do efeito para a causa. A pergunta quem é o Rei Messiânico do capítulo 7 é respondida pelo capítulo 8, que afirma que Ele se tornou rei porque tinha sido sacerdote anteriormente, após ministrar pelos santos, pode aceitá-los no seu reino. Mas, como ele se qualificou para ser sacerdote? Oferecendo um sacrifício, onde? Em Daniel 9.

Em Apocalipse a ordem não está invertida como em Daniel, mas são os mesmos retratos. A fiel testemunha aponta para a cruz, para Cristo como sacrifício. O título “Primogênito dos mortos”, segundo Maxwell (2002, p. 81), aponta para a morte, mas principalmente para a sua ressurreição. Já para Nichol (2014, p. 808), Cristo é o primogênito dos mortos não por ser o primeiro a ressuscitar, mas porque “todos os outros a serem ressuscitados antes e depois dEle são libertos das garras da morte em virtude de Seu triunfo sobre a morte”. Stefanovic (2013, p. 69) também vê aqui uma alusão a ressurreição e a posição destacada de Cristo após a ressurreição. Após seu

ressurgimento, a posição de Cristo é de nosso sacerdote. Por fim, o terceiro retrato de Jesus no verso cinco, apresenta-o como Rei. João está utilizando os mesmos retratos que Daniel apresentou. Através deste recurso o apóstolo está dizendo que escreve sobre o mesmo Messias de Daniel. Note que o último título, Soberano dos reis da terra, tem uma ligação clara com “é Ele quem ... remove reis e estabelece reis” de Dn 2:21 e principalmente com “Senhor dos reis” de Dn 2:47.

Agora que o leitor compreende que a origem de Apocalipse e Daniel é a mesma. Sabe que o tempo está próximo, que a interpretação da profecia acontece na história e que o personagem central é o mesmo, Jesus, João apresentará o que já se cumpriu, o que está se cumprindo e o que falta se cumprir. Estes cumprimentos estão relacionados também com o retrato apresentado de Jesus.

Ele começa na segunda parte do verso cinco: “Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados”. João aqui está afirmando que há uma parte da profecia de Daniel que já se cumpriu. Daniel 9:24-27, já é passado. Cristo já deu “fim aos pecados” (Dn. 9:24) através de sua morte (Dn 9:27). Ele, a Fiel Testemunha, morreu em nosso lugar, Cristo cumpriu o seu papel como Sacrifício.

O verso seis aponta para o presente de João. No tempo do Apocalipse, Jesus, o Primogênito dos mortos, já havia ressuscitado, estava no Céu exercendo o seu sacerdócio, o retrato de Daniel 8, o que está acontecendo ainda hoje. Nesta nova ordem sacerdotal, somos todos sacerdotes e reino de Cristo, mas ainda não recebemos o reino (Dn 7:18). De seu tempo, João demonstra confiança no cumprimento da profecia de Daniel 7. Em primeiro lugar, ele repete a profecia a respeito do domínio eterno do Filho do Homem “foi lhe dado domínio, e glória e o reino” (Dn 7:14) com a seguinte expressão “nos constitui reino... a ele glória e domínio”. Em segundo lugar, a expressão “o seu domínio é domínio eterno que não passará” (Dn. 7:14), tem seu equivalente em “domínio pelos séculos dos séculos”. Por sinal, Wkl.m; reino e !j'l.v' domínio são duas palavras-chave em Daniel 7,¹³ além de serem palavras-chave do próprio livro.¹⁴

Em seguida, Ap 1: 7, cita a expressão de Daniel 7:13 “eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem”, que ainda não se cumpriu, mas ele tem certeza de que se cumprirá “eis que vem com as nuvens”. As frases são semelhantes, mas o tempo verbal de e;rcomai difere nas duas passagens enquanto no Apocalipse aparece e;rcetai “vem” que é o presente do indicativo, em Daniel no texto da LXX aparece h;rceto “vinha” que é o imperfeito do indicativo e no texto de Teodócio aparece evrco,menoj “está vindo” que é um particípio presente. A mudança no tempo verbal é significativa, Ele não vinha

¹³ Reino aparece nove vezes (14 [2x], 18, 22, 23, 24, 27 [3x]) e domínio aparece sete vezes (6, 12, 14[3x], 26, 27).

¹⁴ No livro de Daniel reino aparece cinquenta e cinco vezes. Dn 1:20; 2:37, 39 (2x), 40, 41, 42, 44 (2x); 4:3 (2x), 17, 18, 25, 26, 31, 32, 34, 36 (2x); 5:7, 11, 16, 18, 21, 26, 28, 29, 31; 6:1 (2x), 3, 4, 7, 26 (2x); 7:14 (2x), 18, 22, 23, 24, 27 (3x); 9:1; 10:13; 11:2, 4 (2x), 9, 17 (2x), 20, 21. No livro de Daniel domínio aparece dezenove vezes. Dn 2:39; 4:3, 17, 22, 25, 32, 34; 5:21; 6:26 (2x); 7:6, 7, 12, 14 (3x), 26, 27; 11:3, 5.

ou está vindo, Ele vem.¹⁵

A ressurreição de Dn 12:2, em que “muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão”, aparece em “e todo o olho o verá, até quantos o transpassaram” Ap 1:7. O resultado da vinda de Miguel, “vergonha e horror eterno”, aparece em “e todas as tribos da terra se lamentaram sobre ele”. Em Ap. 1:5-7, depois de apresentar os três retratos de Jesus como em Daniel 7, 8 e 9, João demonstra que o Ungido de Daniel 9, o Filho do Homem de Daniel 7 e Miguel de Daniel 12 são a mesma pessoa, Jesus. Observe que no início do livro do Apocalipse há uma revelação do livro de Daniel.

Apocalipse 1:9-20

Esta seção, que é o início da visão das sete igrejas, ainda é uma introdução do livro do Apocalipse. João novamente vai se identificar com Daniel para trazer mais revelações do livro de Daniel para seus leitores. Em Ap. 1:9, João usa o estilo de Daniel para se identificar. Lembre-se que no evangelho ele se apresenta apenas como o discípulo amado. “Eu, João...” equivale a “eu, Daniel ...” (Dn 8:1; 9:2; 10:2).¹⁶

Em Ap. 1:13, aparece o Filho do Homem. Já vimos que nos versos anteriores João identificou o Filho do Homem como Jesus. O próprio Jesus identificou-se como o Filho do Homem nos evangelhos. O curioso é que o Filho do Homem nos evangelhos¹⁷ aparece *ui`o.j tou/ avnqrw,pou*, enquanto em Daniel¹⁸ aparece *ui`o.j avnqrw,pou*. No Apocalipse, João vai usar a expressão que aparece em Daniel e não a dos evangelhos. Nichol (2014, p. 816) comenta que *ui`o.j avnqrw,pou* é uma tradução exata do aramaico *vn"Ba/ rb:iK*. e parece ter o mesmo significado que tem em Daniel, confirmando assim que a referência dele é mesmo o Filho do homem de Daniel 7:13.

A visão que se segue é muito semelhante a que Daniel teve em Dn 10: 5-6. Maxwell assegura “aqui estava o Ser que Daniel contemplará em idade avançada” (2002, p. 75). Para Stefanovic (2013, p. 102), o Filho do homem em Apocalipse é evidentemente Jesus Cristo e é quase idêntico à descrição da figura divina de Daniel 10:5-12. Stefanovic ainda

¹⁵ Importante observar que no grego o “tempo” verbal tem mais a ver com o aspecto que com o tempo propriamente dito. O presente denota uma ação que está em progresso ou contínua. O imperfeito aponta para uma ação que foi contínua no passado, mas já cessou (REGA; BERGMANN, 2004, p. 25-28). Neste caso, a vinda do Filho do homem em Daniel (LXX) aconteceu na visão durante algum tempo e depois acabou na perspectiva de Daniel (imperfeito), pois era para o tempo do fim. Já no Apocalipse ela está “acontecendo”, ou seja, já está começando, o tempo se aproxima. Em Daniel é uma visão, em Apocalipse é um fato. Em relação ao texto de Teodócio é significativa a diferença entre um particípio e um verbo no indicativo. enquanto o indicativo é o modo da declaração feita com segurança, o particípio é apenas um adjetivo verbal (p. 29-30).

¹⁶ Este estilo de Daniel também está presente na apocalíptica judaica não canônica. Eu, Baruque aparece em Apocalipse de Baruque 7, 9, 11, 13, 94, 127 e Eu, Enoque em I Enoque 19:2.

¹⁷ Mateus 8:20; 9:6; 10:23; 11:19; 12:8, 32, 40; 13:37, 41; 16:13, 27, 28; 17:9, 12, 22; 18:11; 19:28; 20:18, 28; 24:27, 30, 37, 39, 44; 25:13, 31; 26:2, 24, 45, 64; Marcos 2:10, 28; 8:31, 38; 9:9, 12, 31; 10:33, 45; 13:26; 14:21, 41, 62. Lucas 5:24; 6:5, 22; 7:34; 9:22, 26, 44, 56, 58; 11:30; 12:8, 10, 40; 17:22, 24, 26, 30; 18:8, 31; 19:10; 21:27, 36; 22:22, 48, 69; 24:7. João 1:51; 3:13, 14; 6:27, 53, 62; 8:28; 12:23, 34; 13:31. Única exceção é João 5:27 que usa *ui`o.j avnqrw,pou*.

¹⁸ Daniel 7:13

traça os seguintes paralelos entre as duas visões:

Daniel	Apocalipse
Um homem (10:5)	Semelhante ao Filho do Homem (1:13)
Vestido de linho (10:5)	Vestest talares (1:13)
Ombros cingidos de ouro (10:5)	Com uma cinta de ouro (1:13)
Olhos como tocha de fogo (10:6)	Olhos como chama de fogo (1:14)
Seus pés brilhavam como bronze polido (10:6)	Seus pés semelhantes ao bronze polido (1:15)
Suas palavras eram como o estrondo de muita gente (10:6)	Voz como de muitas águas (1:15)

Fonte: Elaboração própria.

Ainda para Stefanovic (2013, p. 103), a cabeça e cabelos brancos do Filho do Homem em Apocalipse 1:14 lembra o Ancião de dias de Daniel 7, apontando para a igualdade de Cristo com o Pai. Paulien (2001, p. 78) entende que praticamente todos os detalhes da descrição em Ap. 1:12-16 são encontrados em Dn 7:13-14 e 10:5-6. “Aqui é apresentado a Cristo como um sacerdote celestial” (PAULIEN, 2001, p. 78). Em 1:17-18, ele exerce o sacerdócio com sua misericórdia para com João. Em 1:19-20, deixa claro que seu governo real será exercido em juízo tanto positivo como negativo em direção às igrejas. E esta maravilhosa passagem, logo no início do livro do Apocalipse enfatiza as suas fortes ligações ao livro apocalíptico de Daniel.

Segundo Maxwell (1996, p. 285) este ser glorioso era Miguel. Doukhan (2011, p. 160), por sua vez, faz uma comparação entre a visão de Josué 5:13-15 e a de Daniel 10:5-6. Ambas começam com as mesmas palavras “levantei os meus olhos e vi um homem” (Dn 10:5 comparar com Js 5:13). Em ambas as visões o “homem” é identificado como um príncipe, em Josué 5:15, príncipe do exército do Senhor em Daniel 10:13 um dos primeiros príncipes e vosso príncipe 10:21, ele também observa o título de Dn 8:11 príncipe do exército.

Antes de prosseguirmos, cabe aqui uma observação: As revelações não param. Na seção anterior João já havia apontado que o Filho do Homem de Dn 7, o Ungido de Dn 9 e Miguel de Dn 12 são a mesma pessoa, a saber Jesus. A ligação com Miguel tinha sido a partir da questão da ressurreição (Dn 12:2; Ap 1:7). Agora, João está ligando o Filho do Homem de Daniel 7 com o Ser celestial de Dn 10, que como vimos era Miguel. O apóstolo está dizendo que não há dúvidas, o Filho do Homem e Miguel são a mesma pessoa, Jesus Cristo em fases distintas de seu ministério. Aqui há também uma clara distinção de João

para a apocalíptica judaica não canônica que considerava como pessoas distintas o Filho do Homem¹⁹ e Miguel²⁰, e este como apenas um anjo. João está explicando o que a apocalíptica judaica não canônica não podia esclarecer. Ap 1:18 não deixa dúvidas de que este ser é Jesus.

Assim como a visão de Daniel (Dn 10:5-6) e de João (Ap. 1:12-16) são a mesma visão, as experiências dos dois também foi a mesma. O que ocorreu com Daniel em Dn 10:8-12 é equivalente ao que ocorreu com João em Ap 1:17. O profeta diz que “não restou força em mim”, “não retive força alguma”, “caí sem sentido rosto em terra” (Dn 10:8-9), João afirma que “caí a seus pés como morto” (Ap 1:17). Enquanto Daniel comenta: “certa mão me tocou” (Dn 10:10), João diz: “Ele pôs a mão direita sobre mim” (Ap 1:17). Ademais, a mesma frase é dita para os dois: “Não temas” (Dn 1:12; Ap. 1:17).

Mas, esta visão e a experiência vívida por João e Daniel são mais que ecos de Daniel ou paralelos. Ela parece cumprir um papel importante no início do livro do Apocalipse, no início do ministério profético de João. Antes de seguirmos, é importante lembrar que o Apocalipse é a continuação de Daniel, assim podemos dizer que João será o “sucessor” de Daniel. Quando olhamos para uma outra sucessão importante no Antigo Testamento, a de Moisés por Josué, podemos observar que a vivência de experiências semelhantes legitima a Josué como sucessor de Moisés. Tanto Josué como Moisés, no início de seu ministério, recebem a ordem de tirar as sandálias porque o lugar é santo (Ex 3:5; Js 5:15), e é nesta experiência que Josué tem a visão, que segundo Doukhan (2011, p. 160), é a do mesmo Ser de Daniel 10:5-6. A travessia do mar Vermelho (Ex 14:15-25) e a travessia do rio Jordão (Js 3) eram experiências equivalentes e tinham o propósito de demonstrar que assim como Deus esteve com Moisés estaria com Josué (Js 3:7).

Seguindo esta comparação das experiências de Daniel e João com as experiências de Moisés e Josué, podemos entender que além de um paralelo e uma explicação de que o Filho do Homem e Miguel são a mesma pessoa, Jesus. Esta visão de João em Patmos tem a finalidade de apresentá-lo como sucessor de Daniel, pois ela e a experiência estão dizendo: Para que saibam que assim como fui com Daniel, serei contigo. Esta legitimação de João é dada por Jesus, “o que vive, estive morto, mais eis que estou vivo” (Ap 1:18), o personagem central do Apocalipse.

Em Ap. 1:20 há mais dois paralelos com Daniel. Mas, antes de entrar nestes detalhes Jesus relembra aos leitores do Apocalipse que o método para entendê-lo é através da história (Ap 1:19).²¹

¹⁹ O Filho do Homem aparece em I Enoque (I Enoque 46:1-4; 48:2; 62:4-9; 63:7; 69:14-16; 70:1; 71:7, 9).

²⁰ Miguel aparece em diversos textos da apocalíptica judaica não canônica sempre como um anjo (Ascensão de Isaias 3:16; I Livro de Adão e Eva 29:6, 8; 31:5; I Enoque 9:1, 10:5, 6; 20:5; 24:5; 40:8; 54:4; 71:4, 5 e 7; 60:3 e 4; 63:2-3; 67:8; 68:1-2; 69:9-10; 71:2; II Enoque 22:6-9; 30:4; 33:11; Testamento do doze Patrarcas, testamento de Nafitali (segundo a crônica de Jerchmeel) 8:2; 9:1 e 3; Apocalipse de Moisés 1:1, 2, 13, 22, 37, 38, 40, 43).

²¹ Segundo Maxwell (2002, p. 72) a expressão “As que são (tempo de João) e as que hão de acontecer (futuro)” colocam o Apocalipse numa perspectiva historicista.

O primeiro paralelo é a palavra *musth,rion* “mistério”, que no Antigo Testamento só aparece em Daniel²² (COENEN; BROWN, 2000, p. 2283). Além disso, *musth,rion*, “mistério”, é uma das palavras-chave de Daniel 2, pois aparece ali oito vezes.²³ Em Daniel 2, está associado ao verbo *avpokalu,ptw*, “revelar”²⁴, ou seja, é o mistério que é e só pode ser revelado por Deus.

O segundo paralelo está na palavra estrela. Stefanovic (2013, p. 103) vê aqui um paralelismo com Dn 12:3, onde as “estrelas” estão em associação com o povo de Deus. Nichol (2013, p. 927) faz também uma conexão entre estrelas de Dn 8:10 com povo santo de Dn 8:24. Unindo estes dois paralelos, podemos entender que Jesus está dizendo que da mesma maneira que a história do mundo foi revelada no sonho de Nabucodonosor e em sua interpretação dada por Deus, os mistérios da história da igreja serão agora também revelados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há a necessidade de se dar mais atenção a Apocalipse 1, apesar de não ser um capítulo “profético” como Apocalipse 13, que tenha a verdade presente como Apocalipse 14 ou que seja intrigante como Apocalipse 17. Pois, Apocalipse 1 é uma introdução que não apenas indica o tema do livro. Ele vai muito além, ligando Apocalipse a Daniel através de palavras, símbolos e expressões. Apresenta também a origem do livro como a mesma de Daniel. Ao mesmo tempo em que aproxima o Apocalipse de Daniel, distancia-o das apocalípticas judaicas não canônicas e orienta interpretar o livro a partir da história, dando assim já o método correto de interpretação.

Além disso, situa os leitores no tempo histórico do Apocalipse em relação às profecias de Daniel, apresenta o que já foi cumprido de Daniel e o que falta cumprir, especialmente do personagem principal que é Jesus. Além disso, demonstra que o Filho do Homem de Dn 7, o sacerdote de Dn 8, o Ungido de Daniel 9 e Miguel de Dn 10 e 12 são a mesma pessoa, Jesus, em diferentes etapas de seu ministério. Outrossim, legitima a João como autêntico “sucessor” de Daniel através da mesma visão e experiência.

Por fim, assegura a igreja que revelará os mistérios da história futura da mesma forma, como fez em relação à história do mundo em Daniel 2. Após todas estas informações dadas por João, os destinatários estão prontos para “ler, ouvir as palavras desta profecia e guardar as coisas que nela estão escritas” (Ap. 1:3).

²² Os textos da LXX em que aparece *musth,rion*, além de Daniel são os apócrifos como Judite, Tobias, Sabedoria, 2 Macabeus e Siraque (COENEN; BROWN, 2000, p. 2283). No aramaico, idioma de Daniel 2;4-7:28, aparece *zr'* “um empréstimo linguístico do persa, traduzido muito naturalmente na LXX pelo termo grego *musth,rion*” (HARRIS, ARCHER JR, WALTKE, 1998, p. 1736).

²³ Dn 2:18, 19, 27, 28, 29, 30, 47 (2x),

²⁴ Que também é uma palavra-chave em Daniel 2, pois aparece cinco vezes Dn 2:19, 22, 28, 29, 30.

REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert. **The art of biblical narrative**. New York: Basic Books, 2010.
- BENNETT, Douglas. A pedra do reino de Daniel 2. In: **Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética**, Frank B. Holbrook (ed.). Trad. Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade Souza. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.
- BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri: SBB, 2006.
- BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BULLINGER, E. W. **Commentary on Revelation**. Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications, 1984.
- CARSON, D. A. **O comentário de João**. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DI LELLA, Alexander A. **The Book of Daniel**. The Anchor Bible, vol. 23. 1 ed. New York: Doubleday & Company, 1978.
- DOUKHAN, Jaques B. **Secretos de Daniel: Sabiduría y sueños de un príncipe hebreo en el exilio**. Trad. Claudia Blath. 1 ed. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2011.
- _____. **Secrets of Revelation: The Apocalypse through hebrew eyes**. Maryland: Review and Herald, 2002.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A.T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HASEL, Gerhard F. Estabelecendo uma data para Daniel. In: **Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética**, Frank B. Holbrook (ed.). Trad. Francisco Alves de Pontes e Fernanda Caroline de Andrade Souza. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.
- JOHNSSON, William G. Apocalíptica Bíblica. In: **Tratado de Teologia**, Raoul Dederen (ed.). Trad. José Barbosa da Silva. 1 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- LEHMANN, Richard. Relationships between Daniel and Revelation. In: **Symposium on Revelation: Introductory and exegetical studies, book 1**. Frank B. Holbrook (ed.). Maryland: Review and Herald, 1992.
- MAXWELL, C. Mervyn. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Trad. Hélio Luiz Grelmann. 3 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- _____. **Uma nova era segundo as profecias de Daniel**. Trad. Hélio Luiz Grelmann. 1 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

NICHOL, Francis D. et al. **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo dia**. Vol. 4. Trad. Rosângela Lira, Fernanda C. de Andrade Souza, Sônia M. Mastrocola Gazeta, Rejane Godinho e Ruben M. Scheffel. 1 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

_____. **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo dia**. Vol. 7. Trad. Rosângela Lira, Fernanda C. de Andrade Souza, Cecília Eller Nascimento, Lício O. Lindquist e Rejane Godinho. 1 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

PAULIEN, Jonathan Karl. **The deep things of God: na insider's guide to the book of Revelation**. Maryland: Review and Herald, 2004.

_____. **The Hermeneutics of Biblical Apocalyptic**. Loma Linda, CA: Biblical Research Institute Committee, 2001.

REGA, Lourenço S.; BERGMANN Johannes. **Noções do Grego Bíblico: gramática fundamental**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

SHEA, William H. **Estudos Selecionados em Interpretação profética**. 2 ed. Trad. Francisco Alves Pontes. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007.

SIQUEIRA, Reinaldo. A profecia apocalíptica como chave hermenêutica para a interpretação da escatologia da profecia clássica do AT: um estudo em Isaías, Jeremias, Daniel e Apocalipse. In: TIMM, A. R.; RODOR A. A.; DORNELLES V. (eds.). **O futuro: a visão adventista dos últimos acontecimentos**. Artigos teológicos apresentados no V Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano sob o tema 'Na Perspectiva do Futuro: Reflexões e Tendências Escatológicas Contemporâneas' em homenagem a Hans K. LaRondelle. Engenheiro Coelho: SP: UNASPRESS, 2004.

STEFANOVIC, Ranko. **La Revelación de Jesucristo: comentário del libro del Apocalipsis**. Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 2013.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira. **Apócrifos: os proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercury, 1992.

_____. **Apócrifos II: os proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercury, 1992.

_____. **Apócrifos III: os proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercury, 1996.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira; BÁRÁNY, Júlia. **Apócrifos IV: os proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercury, 2001.

WALTKE, Bruce K. **Comentário do antigo testamento: Genesis**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Trad. Carlos A. Trezza. 9 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. **O Desejado de Todas as Nações**. Trad. Isolina A. Waldvogel. 22 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. **Testemunho para ministros e obreiros evangélicos**. Trad. Isolina A. Waldvogel. 3 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.